

Petala_desconhecida e a sua poesia

Petala_desconhecida

Apresentado por

Meu Lado Poético



Dedicatória

Quero que todos saibam que por mais pedras ou obstáculos que caíam no vosso caminho, será mais um motivo para vocês o confrontarem com a vossa coragem, e que concluíram os vossos sonhos, e claro nunca se esqueçam de acreditar. Acreditar que é capaz, e que não é inferior aos outros. e que todos os seus sonhos se podem realizar com um pouco de dedicação e gosto. Quem corre por gosto não cança. Que tenham um caminho de sorte, e muita fé.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos e colegas que me apoiaram em fazes na minha vida de pura dor e crueldade, graças a eles, eu consegui sair do meu eu, para evoluir no meu eu próximo.

Sobre o autor

Petala_desconhecida(pseudônimo), vive na guarda, nacionalmente portuguesa, uma jovem de 20 anos, bastante criativa e imaginativa em seus pensamentos.

Seus pais eram, Maria da Conceição da Costa e António Joaquim Cardoso da Fonseca, nascidos em 06/09/1960 e 04/02/1973. Sua mãe era uma empregada de mesa num restaurante da sua cidade, seu pai era cozinheiro nos arredores da cidade. Ambos se dedicaram ao seu emprego, mas infelizmente chegou a vez deles. Sua mãe faleceu com 46 anos, bem no dia de anos de seu pai (04/02/2008). Seu pai faleceu com 56 anos, no dia 22/11/2019. Sua vida não foi fácil, e quem disse que a vida era um mar de rosas, está errado. Cada um passa pelo que tem que passar para assim conseguir manter forte as adversidades da vida. Até então, ela que já tinha um gosto especial por literatura, começou a desenvolver poemas, mostrar sua criatividade. Demonstrando seus sentimentos, pelos simples versos e sentidos no seu coração, para assim transmitir às pessoas o que está na origem da vida, e mesmo saber acreditar.

resumo

Desamor

Quem me dera

Mãe

Não podemos viver de memórias, ou da falta delas

Mãe

A lua dos pobres

O meu eu

Porque eu

Perdão

O amor de quem sente dor

O amor entre o calor e o frio

E o dinheiro o que compra?

Crescer e já sozinha aprender

Filha

A morte, a desconhecida vestida de preto

Família, a quem chamar?

A Paixão entre o sol e a lua

Chuva

Desprezo

Pai

Desamor

O amor de hoje em dia,
Não é o mesmo de quem lia,
E se atrevia,
A saber o que o amor não via.

Amor no seu esplendor,
Renasce do ardor,
Duma alma de dor,
Sem saber seu clamor.

Amor, onde está esse amor,
Mais que não seja desamor,
Que vai embora,
E deixa o pairar o seu vapor.

Quem me dera

Quem me dera,
Quem me dera,
Voltar ao que tudo,
Se espera,
Em que estava numa era,
Em que só havia espera,
E nenhum mal prospera.

Quem me dera,
Quem me dera,
Voltar atraz e ser capaz,
De conseguir deixar para trás,
O que a gente faz,
E governar a paz.

Mãe

Mãe
És amor,
Que vem de dentro do interior,
De quem jamais pensaria,
Que algum dia te perderia,
Meu amor, minha flor,
Peço á virgem Maria,
Que te guarde até ao final deste dia,
O que por dentro te absorvia,
Sem pensar no que seria,
Para que assim te guardasse mais um dia.
Mãe,
Teu amor,
E mais perfumado que uma flor,
Que por mais que tenha mais que um autor,
Nunca encontrará seu valor.
Mãe,
Te guardarei,
Para sempre,
Na minha mente,
E no meu coração estarás sempre presente.
Obrigada mãe,
Por fazer parte,
Deste amor tão recíproco,
Por ti vou a Marte,
E serei para sempre teu discípulo.

Não podemos viver de memórias, ou da falta delas

Não podemos viver de memórias,
Ou da falta delas

*Memórias são curtas,
Por vezes obscuras,
Muitas já não encontram curas,
Vivendo de verdades nuas e cruas.*

*Memórias,
Veem de histórias,
Que nunca poderiam ser contadas,
Por falta de vitórias.*

*Memórias,
Histórias para contar,
Que jamais se pode acreditar,
No que será memoriar.*

*Memórias ao vento,
Em minha cabeça,
Ao relento,
E muitas vem e voltam,
Com o tempo a passar,
Tão lento,
Tão em vão,
Que muitas ficam por faltar.*

Mãe

Cabelos ao vento,
Olhos apaixonados,
Sorriso brilhante,
Alma como prantos,
Que amante,
Te traria como antes,
No seus colos apaixonantes,
Que jamais,
Te perderias tu,
Flor dos meus encantos,
Para todos os admirantes,
Te tornarias,
Nos olhares revoltados,
Que no coração, odiarias,
Todos aqueles,
Que por mal, continuarias,
A ser a mais bela,
Do que o lilás,
Do teu vestido estragado,
Dor no peito sentirias,
E ajuda pedirias,
Aos que no teu interior,
Vêm em que te tornaste,
Odiada e fugaz.
Jamais devolveria,
Tuas mágoas,
Tuas lágrimas,
Tua cara se despe de tristeza,
Amargura e destreza,
Que da tua pobreza,
Sairia,
Alegria,
Nostalgia,

E que jamais tua humildade,
Não te faltaria.

A lua dos pobres

A lua dos pobres,
Se enche,
De pessoas nobres,
Que por mais que sejam,
Ditas menores,
Serão sempre enormes.

Seu coração,
Sua humildade,
De quão,
Bondade ou maldade,
São vistos em vão.

Dinheiro,
Não faz parte,
Desse artimanho,
O que importa,
É seu coração,
E o de quem mais ama.

Dão seu amor,
Em todo o seu esplendor,
E o seu apoio em mão,
Quando tudo for em vão.

O meu eu

Era uma menina, assiada e organizada, sempre bem humurada e bem apresentada.

Tinha em seus encantos seus medos, medo de seus erros, erros de infância.

Suas lutas foram duras e bravas, foram as suas piores inimigas.

Seu coração padece, e intristece sua mente e seu corpo levados ao desgosto.

É assim que me sentia, levada a uma mentira, mas essa existia.

Agora, só restam os meus sonhos, meus mundos e minhas inseguranças que em algum minuto, conquistei.

Minha cor é o preto, do meu cabelo, de minha alma e meu coração.

Ajudar-me é a minha missão.

E de alguma forma, ajudar todos os que, dentro do seu coração, não são compreendidos.

Comprometidos á escuridão. E vocês sabem qual o vosso eu?

Porque eu

Porque eu,
No meio de tantas outras,
Cheias de apostas,
Reavaliando as notas,
Perdidas em Memórias,
Levadas em histórias,
De um mundo sem vitórias.

Porque eu,
A sacrificada de todas essas injustiças,
Que rancorasteis em peito meu,
Minha incerteza,
Em minha beleza,
Todas elas quão quase que suspensas,
Foram embora,
Para junto daqueles,
E já neste corpo não mora.

Olhando-me ao espelho,
Olhando meus reflexo,
Meu aspeto,
Já não me reconheço,
Fui um livro folhiado,
Que jamais será lido do avesso.

Inseguranças,
Cheias de enganos,
Cheias de engenhos,
Que algum dia,
Suponhamos, ter esquecido.

Perdão

Perdão,
É uma forte palavra,
De compaixão,
E a quem precisa,
Dar a mão.
Perdão,
É dar uma segunda oportunidade,
A quem merece,
De realidade.
A compaixão que arde,
Dentro do coração,
Vem de um perdão,
E de uma razão.

O amor de quem sente dor

O amor,
De quem sente a dor,
Que alguma vez,
Possa voltar amar,
Em primeiro lugar,
O seu eu interior.
Amor,
É um dom,
Que muitos,
Não dominam,
Pois só os apaixonados,
Imaginam.
Sabe aquelas borboletas,
Na barriga de alguém,
Que sente o amor,
Bem de dentro,
Do seu coração,
Em terra plana,
Solitária e humana,
» O amor venceu.

O amor entre o calor e o frio

O amor entre o calor e o frio

Cada um com diferentes características,
Todas elas, mistas,
Mas é assim mesmo,
Os opostos se atraem, acho.
O coração do calor,
Sente amor e dor,
O coração do frio,
Tem determinação e ódio.
Mas que bela combinação,
De alguma confraternização,
O calor de lhe deu a mão,
E o frio lhe recusou o coração.
O calor precisa do frio,
Para as suas lutas a fio,
E o frio precisa do calor,
Para quando sente ardor.
Cada um diferente do outro,
Mas os dois com um propósito,
Serem eles próprios,
Sem mudarem nada de óbvio,
Cada um com o seu feitio,
Mas juntos,
Num amor alucinatório.

E o dinheiro o que compra?

Já minha mãe dizia,
Para que ser rico,
Se não se tem ritmo,
E seu coração encardido.

O coração não se apaixona,
Por dinheiro,
Dinheiro traz,
Mau engenho,
E custo feio.

Para que sermos ricos,
Se podemos ser pobres,
E virar dançarinos,
Num mundo esnobe.

A maior felicidade,
Não se compra,
Não se rouba,
Nem se machuca,
Para que dinheiro sujo,
Se só compra luxo.

Luxo desnecessário,
Meio que ordinário,
E fecha olho,
A pessoas,
Sem qualquer agregário.

Crescer e já sozinha aprender

*Quando cresci,
Meu mundo,
Em minhas mãos acendi,
Aprendi,
Que nem sempre,
Podes confiar,
Tal como nem sempre,
Podes amar.*

*Em minha cabeça pensativa,
Armazenava qualquer fantasia,
E imaginava-me nela sozinha,
Não tinha amigos,
Sofria bollying desde nova,
Mas de nova aprendi,
Que a vida não se vive sempre da mesma forma.*

*Os amigos vão e vem,
Mas só com a falta deles,
Notas que afinal não eras assim tão importante,
E o que importava era o restante.*

*Em meu coração,
Senti magoa e muita dor,
Nele apresentei meu clamor,
De algum dia encontrar amor,
E se não for,
Não consigo encarar isto com rigor,
Pois meu coração é o meu professor,
E não meu mentor.*

*Mágoas de infância doem,
Mas minha cabeça,*

*Ofereceu condolência,
Ao meu coração,
Que em sequência,
Morreu nalgum segundo de demência.*

Filha

Não te vejo como um fim,
Mas como o início de uma nova luta,
Sem cura,
Volta a revolta,
E os pensamentos vazios,
De não te ter tido,
Minha filha,
Meu anjo,
Deixaste no meu peito,
Uma zaragata gigante.

Aqueles que te obrigaram a nascer forçada,
Serão julgados por os seus atos,
Quem por amor morre,
Por vingança mata.

Eles fizeram besteira comigo,
E senti uma dor de fininho,
Que nunca mais curarei,
Mas te guardarei,
Isto há de passar,
A mama vai ficar,
De volta ao seu lar.

Esta dor não me matará,
Nem mais escura me tornará,
Mas cada um sentirá,
Na pele,
Do que foram capazes,
Sem conseguir fazer de mim própria as pazes.

Não chorarei mais,
Não brigarei mais dentro de mim,

Dentro de mim e só o rancor,
Que me ofereceram,
Em troca de um falso amor.

Eles não sabem a dor que eu tive,
A dor de não teres nascido,
E de me terem colocado,
Restos dentro de mim,
Que eu levo para toda a vida.

Provavelmente ficarei infértil,
Ou talvez não,
Mas só quero que saibas,
Que estarás sempre no meu coração.

A morte, a desconhecida vestida de preto

Lá vai ela,
Vestida de preto,
De ombro a ombro,
Com a nossa cabeça,
A nossa amargura.

Lá vai ela,
Segurando a nossa mão,
A todo o instante,
E por momentos,
Na calmaria,
Suas lágrimas despiram,
Sua alma,
Sua paz,
Sua cor ficou ainda mais escura.

Lá vai ela,
Na sua beleza,
Deixa cair,
O chamego do risco,
De cair em seus prantos.

Quem será?
Essa sombra que nos acompanha,
Que nos faz suspirar,
Pensar sobre o nosso futuro?

Mais concretamente será ela,
A morte que nos espera,
E com o tempo a passar,
Ela nos irá atacar.

Tudo o que nasce também morre,

Então porquê?
Porque tememos a morte,
Quando ela,
Anda de mão dada,
Com a vida.

Família, a quem chamar?

Família,
Aquele que nos acolhe,
Aquele que se compadece,
Da nossa ternura,
Que nos traz a tona,
O que mais dura,
Educação,
Que perdura,
E nos leva,
Bem longe da loucura.

Se a família,
Não fosse assim,
Eu escolheria,
Quem se encaixasse,
Na perfeição,
Das minhas aventuras,
Dos meus sonhos,
Das minhas ambições,
Família não oferece ilusões.

Ela é como,
Uma chávena de leite,
Quente,
Que no inverno,
Se sente.

Ela é como,
Uma brisa,
Que no verão,
Nossas vontades realiza.

Família?

Que tipo de pessoa ou grupo, eu posso chamar família?

A Paixão entre o sol e a lua

Muito prazer,
Sou o sol,
Quente e amarelo,
Dizem que sou eterno,
E habito numa galáxia,
Onde eu, tenho a temperatura máxima.

Eu me apaixonei,
Por uma jovem,
Chamada lua,
Ela é fria,
E Branca como a neve.

Não podemos estar juntos,
Pois ela habita as noites,
E eu os dias,
Nos nos completamos,
Mas no amor,
Não nos achamos.

Nada é impossível,
Nosso amor invisível,
Se tornou desprezível,
Talvez uma ofensa,
Para o mundo paralelo em que vivemos,
Nosso amor é contra os termos,
Da lei que temos.

E assim acaba,
Com um amor incompreendido,
Rebatido,
Aos complexos da sociedade,

Onde nós,
Fomos metidos.

Chuva

Gotas de água caem,
Em cima de gente alheia,
Cheia de histórias e memórias,
Que dão tudo de mão cheia.

Gotas de água caem,
Em cima de gente reclusa,
Com pensamentos vazios,
E sentimentos frios.

A chuva é tanta,
A esperança imensa,
A saudade eterna,
Há gente e gente,
Que não sabe o que mente,
Nem sabe o que sente,
Mas a chuva é para todos?
Sejam eles carentes ou convincentes,
Reclusos ou adultos,
Amadores ou oradores,
A chuva cai para todos,
Todos teremos as nossas consequências,
As nossas tristezas,
As nossas alegrias,
Mas a chuva,
Nos lembrará,
Que existimos,
E que prescindem,
De nós,
Todas as vontades humanas,
E todas necessidades roldanas.

Existimos por ela,
E por causa dela,
Ela compõe nossos mares,
Nossos rios,
Nosso corpo depende dela,
Tal como nossos valores,
Sejam eles atuais ou antigos,
A chuva determinará nossos inimigos.

Desprezo

Desprezo,
É quando sonhas,
É quando tentas dar o melhor,
Mas nem sempre o melhor é suficiente,
Nem sempre é visto com a mente de quem sente.

Poemas eu escrevo,
Para matar a dor que tenho cá dentro,
Desprezo vindo de quem se ama,
E como esperar toda a atenção de quem se odeia.

O meu desprezo,
Tem nome,
Perfeição,
Se valores têm,
Eu também tenho que ter,
Mas que comparação,
Cada um é como é,
E cada um dá o que tem,
Mas quando não se é reconhecido,
Fica tudo no interior bem ardido.

Sinto que fui desprezada,
Quando mostrei o que mais gostava,
E não fui balanceada,
Nervosa,
Ansiosa,
Para quê?
Vai continuar assim,
Até ao fim.

Sucesso alheio,

É coisa que não é bem vista,
Desprezá-lo,
E a mesma coisa,
Que chamá-lo,
Lixo.

Pensei por instantes,
Que estava a fazer a coisa certa,
E que de alguma avareza,
Eu pudesse ir avante,
Com o apoio dos restantes,
Pensei mal,
Pois o melhor apoio,
É o nosso próprio.

Petala_desconhecida

Pai

Pai

Ser pai,
E ser protetor,
E ter força em seu coração,
E por sua filha,
Ser defensor.

Tristeza de te perder,
Amargura de por vezes,
Te querer amar,
Mais do que a mim própria,
E não conseguir,
Por minha paz interior,
Prejudicar.

Chorar,
Choraram os meus olhos,
Quando te foste,
Mas nada disso passou,
Pois só ódio restou.

Ódio,
De não teres sido um bom pai,
Tal como alguns outros não foram,
Passaram memórias,
Na minha cabeça,
De histórias de terror,
Que por nós,
Poisou.

Eu te gostava,
E ainda gosto,

Mas não pelas tuas atitudes,
E sim pelo facto,
De poder chamar te pai,
Mas na realidade,
Onde isso já vai.

2 anos se fizeram,
Depois da tua morte,
Tua filha sofre,
Por não te poder ter,
E por tuas ações,
Te perder.

Pai,
Estejas aonde estiveres,
Basta sentires,
O agrado de tua filha,
Não ficaram só coisas más,
Na verdade,
Também ficaram coisas boas,
Tua filha te odeia,
Mas ao mesmo tempo te ama,
Por em certos instantes,
Teres sido tu,
De por mais restantes.

Aqui fica a amargura de uma filha,
Por ter perdido um pai,
Que não soube ser,
Não por não querer,
Mas por orgulho ter.

Orgulho esse que ficou em mim,
De quando realmente te conheci,
E por aí vi,
Pensamentos e emoções,

Que jamais senti,
Quando te perdi.

Petala_desconhecida